



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
INSTITUTO DE LETRAS
BACHARELADO EM LETRAS

MICHELE SANTOS DE OLIVEIRA

**A ASPIRAÇÃO DAS OCLUSIVAS SURDAS DO INGLÊS-L2 POR APRENDIZES
SOTEROPOLITANOS: EFEITOS DA INSTRUÇÃO EXPLÍCITA**

SALVADOR
2019

MICHELE SANTOS DE OLIVEIRA

**A ASPIRAÇÃO DAS OCLUSIVAS SURDAS DO INGLÊS-L2 POR APRENDIZES
SOTEROPOLITANOS: EFEITOS DA INSTRUÇÃO EXPLÍCITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Letras, habilitação em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Flores Kupske

SALVADOR

2019

MICHELE SANTOS DE OLIVEIRA

**A ASPIRAÇÃO DAS OCLUSIVAS SURDAS DO INGLÊS-L2 POR APRENDIZES
SOTEROPOLITANOS: EFEITOS DA INSTRUÇÃO EXPLÍCITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Bacharelado em Língua Estrangeira
Moderna da Universidade Federal da Bahia, como
requisito para obtenção do grau de Bacharel em
Letras, habilitação em Língua Inglesa.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Flores Kupske

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Felipe Flores Kupske (Orientador/Presidente)
Universidade Federal da Bahia

Prof. Dr. Eleomarques Ferreira Rocha (Examinador)
Universidade Federal da Bahia

Profa. Dra. Ivana Pereira Ivo (Examinador)
Universidade Federal da Bahia

TCC aprovado em: 03 de dezembro de 2019.

Dedico mais essa conquista a minha avó materna, Carlinda, “*In Memoriam*”, pois, onde quer que esteja, sei que estava ao meu lado em todos os momentos em que tudo parecia difícil/sem solução.

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, por ter me concedido seriedade e força para lidar com as adversidades da vida acadêmica.

Aos meus pais, Marcio e Georgette, por serem minha base, minha referência, minha vida, meu tudo. Sem eles nada disso seria possível.

A minha família, em especial meus tios/dindos, Geilza e Georgio, por sempre se fazerem presentes na minha criação e nas minhas conquistas.

As minhas amigas, que sempre me proferiram palavras motivadoras e foram compreensivas sempre que eu falava “não posso sair, tenho que estudar”.

A meu namorado, Leandro, por desde o início ter apoiado minha decisão de trocar a faculdade de Engenharia por Letras e por ter sido meu suporte em todos os momentos que a pressão universitária parecia tomar conta do meu psicológico.

A Flávio Moura Muniz de Oliveira, bolsista do CNPq, que foi um amigo e de grande importância para a construção deste TCC, ajudando-me a analisar acusticamente as coletas de pré e pós-teste.

Ao Prof. Dr. Reiner Perozzo, por ter me dado de presente o meu orientador.

Ao Prof. Dr. Felipe Kupske, meu orientador, por ter sido um profissional incrível durante dez meses em que trabalhamos juntos nesta pesquisa. Um ser humano ímpar que Deus colocou na minha vida acadêmica para ampliar os meus conhecimentos sobre Fonética e Fonologia da Língua Inglesa. Ao senhor, minha gratidão eterna, meu mestre.

A turma de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa da Universidade Federal da Bahia 2019.2, voluntários, que aceitaram fazer parte dessa pesquisa.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo investigar a realização da aspiração das oclusivas surdas do inglês-L2 /p, t, k/ por aprendizes soteropolitanos à luz da Fonética Experimental, do construto de inteligibilidade, do ensino de pronúncia e do inglês como *lingua franca*. Para isso, contou-se com 16 participantes, falantes nativos do português brasileiro, voluntários, soteropolitanos, estudantes do curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia. Os participantes foram divididos em dois grupos (um experimental e outro de controle), sendo que, apenas o grupo experimental recebeu instrução explícita sobre a produção das oclusivas surdas do inglês entre as coletas de pré e pós-teste, períodos anterior e posterior ao ensino de pronúncia, respectivamente. Para a coleta de dados, os participantes foram gravados individualmente, em sala silenciosa, em uma tarefa de produção na qual precisaram fazer a leitura da seguinte frase: “I would say (palavra-alvo)”. 24 palavras-alvo do inglês iniciadas pela oclusivas surdas foram utilizadas. Dados de todos os participantes, ambos os grupos, foram coletados nas fases de pré e pós-teste. Os dados coletados foram analisados acusticamente pelo programa Praat, responsável por mensurar os valores de duração de VOT dos itens coletados. O estudo revelou que, na fase de pré-teste, ambos os grupos não aspiravam as oclusivas surdas do inglês, utilizando o padrão de VOT esperado para o português brasileiro. Os grupos não apresentaram diferenças estatísticas entre eles. Após a instrução explícita sobre aspiração no inglês-L2, o grupo experimental passou a aspirar, mesmo que com valores bem acima dos apresentados na literatura para um falante do inglês, apresentando diferenças estatísticas quando comparados aos dados de pré-teste e aos controles. Percebe-se, assim, que, muito embora os estudantes ainda não consigam controlar o gesto fina da aspiração, o VOT longo está presente no contexto fonético-fonológico adequado. Como o desenvolvimento dos sons da fala é gradual, espera-se que os valores sejam adequados mediante experiências futuras com a língua-alvo. Ao desenvolverem a aspiração, como consequência, aumentam a inteligibilidade oriunda de traços fonético-fonológicos no uso do inglês-L2.

Palavras-chave: VOT; Consoantes Oclusivas; Instrução Explícita; Inteligibilidade.

ABSTRACT

This research aims to investigate the aspiration of the English-L2 voiceless stops /p, t, k/ by learners from Salvador, Brazil, in the light of Experimental Phonetics, the construct of intelligibility, pronunciation teaching, and English as lingua franca. In order to do so, 16 participants, native speakers of Brazilian Portuguese, volunteers from Salvador, undergraduate students of the Modern Foreign Languages (English) at the Federal University of Bahia were recruited. Participants were divided into two groups (experimental and control groups), and only the experimental group received explicit instruction on the production of voiceless English stops between the pre and post-test data collections, periods before and after the pronunciation teaching, respectively. For data collection, participants were recorded individually, in a silent room, in a production task in which they had to read the following sentence: “I would say (target word)”. 24 English target words initiated by the stops were used. Data from all participants, both groups, were collected in the pre and post-test phases. The collected data were acoustically analyzed by the software Praat, responsible for measuring the VOT duration values for the collected items. The study revealed that, in the pretest phase, both groups did not aspirate the English stops, using the expected VOT values for Brazilian Portuguese. The groups showed no statistical differences between themselves. After the explicit instruction on aspiration in English-L2, the experimental group began to aspirate, even with values well above those presented in the literature for an English speaker, also presenting statistical differences when compared to pretest production and to the controls. Thus, it is noticed that, although students still cannot control the fine gesture of aspiration, the long VOT is present in the appropriate phonetic-phonological contexts. As the development of speech sounds is gradual, the values are expected to be adequate through future experiences with the target language. By developing aspiration, as a consequence, they increase the intelligibility arising from phonetic-phonological features in the use of English-L2.

Keywords: VOT; Stops; Explicit instruction; Intelligibility.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Modelo de Ensino do ILF	17
Figura 2 - Oscilograma e espectrograma da palavra keek do inglês	28
Figura 3: Gráfico 1 - VOT para [p]	30
Figura 4: Gráfico 2 - VOT para [t]	31
Figura 5: Gráfico 3 - VOT para [k]	31
Figura 6: Gráfico 4 - VOT para [p] do grupo controle (pré- e pós-teste)	34
Figura 7: Gráfico 5 - VOT para [t] do grupo controle (pré- e pós-teste)	35
Figura 8: Gráfico 6 - VOT para [k] do grupo controle (pré- e pós-teste)	35
Figura 9: Gráfico 7 - VOT para [p]	37
Figura 10: Gráfico 8 - VOT para [t]	37
Figura 11: Gráfico 9 - VOT para [k]	38
Figura 12: Gráfico 10 - VOT para o inglês-L2 (pré e pós-teste)	40

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Tempo do VOT, em milisegundos, no PB e no Inglês.	20
Tabela 2: Plano de ensino na instrução de pronúncia	23
Tabela 3: Palavras-alvo utilizadas na fase de teste	26
Tabela 4 - Médias de VOT para o inglês L2 (Pré-teste)	29
Tabela 5 - Médias de VOT para o inglês-L2 (Pré-teste e Pós-teste)	33
Tabela 6 - Médias de VOT para o inglês L2 (Pós-teste)	33
Tabela 7 - Médias de VOT para o inglês L2 do Grupo Controle (Pré e Pós-teste)	34
Tabela 8 - Médias de VOT para o inglês L2 (Pós-teste)	36

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. REVISÃO DE LITERATURA	14
1.1 Inglês como Lingua Franca	14
1.1.1. Inteligibilidade e Lingua Franca Core	16
1.2. As consoantes oclusivas do português brasileiro e do inglês	19
1.3. Ensino comunicativo de pronúncia: foco na instrução explícita	21
1.3.1 Instrução Explícita sobre Aspiração das oclusivas surdas para o Grupo Experimental	22
2. METODOLOGIA	25
2.1 Participantes	25
2.2 Materiais e Procedimentos	26
2.2.1 Palavras-Alvo	26
2.2.2 Coleta de Pré-Teste	27
2.2.3 Coleta de Pós-Teste	27
2.2.4 Teste postergado (4 meses depois)	27
2.3 Análise do VOT	28
2.4 Análise estatística	28
3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	29
3.1. Análise dos dados de Pré-Teste	29
3.2. Análise dos dados de Pós-Teste	32
3.2.1 Análise dos dados de Pós-Teste: grupo controle	33
3.2.2 Análise dos dados de Pós-Teste: grupo experimental	36
3.2.3 Análise dos dados de Pós-Teste: grupo experimental comparado ao grupo controle	39
3.3. Discussão dos dados	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	43

INTRODUÇÃO

A influência da língua inglesa na atualidade é incontestável. O papel do inglês no mundo contemporâneo pode ser explicado pela importância que o Império Britânico teve no século XIX e no início do século XX e pela predominância mundial da economia dos Estados Unidos a partir da Segunda Guerra Mundial. Esse momento histórico-econômico se estende até o final do século XX e toma novas direções no que se convencionou chamar de globalização (MOITA-LOPES, 2008).

Nesta luz, muitos tomam, hoje, o inglês como uma língua internacional. Alguns, como Crystal (2003), apontam que o inglês já não conecta diferentes sociedades, mas o globo como um todo, assim, o inglês também é rotulado como uma língua global, uma *lingua franca* Rajagopalan (2010). É notável a inserção cultural da língua inglesa feita por países que a têm como língua estrangeira (LE) ou segunda língua (L2). No Brasil, por exemplo, é comum a utilização de termos adquiridos desse fenômeno conhecido como estrangeirismo, tais palavras surgem em contextos que podem ocorrer tanto de maneira simples no dia a dia (e.g., *shopping, short, hot dog*), quanto em ambientes formais de ensino/aprendizagem (e.g., *e-mail, pen drive, download*). Essa apropriação pode ocorrer desde a formação da língua, na qual palavras do inglês foram adquiridas pela língua portuguesa do Brasil e não houve nenhuma modificação na grafia e na pronúncia (e.g., *show, videogame e notebook*). Existem também as palavras provenientes desse estrangeirismo, mas que precisaram ser alteradas para incorporadas na língua, sendo elas, por exemplo, futebol, televisão e estresse. Além disso, atualmente, a presença do inglês pode ser sentida em todas as mídias existentes (MAJANEN, 2008), nas redes sociais, por exemplo, são incontáveis as palavras e/ou expressões que os usuários se deparam, podendo haver estranhamento em um primeiro momento, mas que logo aprendem e introduzem no léxico da sua língua (e.g., *spoiler, like, follow*).

A maioria dos falantes de inglês em todo o mundo são falantes não nativos que frequentemente usam a língua em redes influentes, e a proporção desses falantes está crescendo rapidamente (MAJANEN, 2008), na medida em que, atualmente, ter proficiência na língua inglesa e conseguir desenvolver uma conversa inteligível com pessoas de diferentes nacionalidades é sinônimo de ter, por exemplo, um bom currículo e, conseqüentemente, uma adesão mais rápida ao mercado de trabalho com distinção daqueles que não dominam o inglês.

Nesse contexto, tornou-se imprescindível a utilização de uma língua, considerada global, que proporcionasse a interação entre pessoas de diferentes comunidades linguísticas.

Sendo assim, o inglês, atualmente, é considerado como uma *lingua franca*, que é uma expressão caracterizada pela utilização de uma língua em comum para a comunicação efetiva entre pessoas de diferentes línguas maternas/culturas. Desta forma, devido ao uso da língua ocorrer em um escala internacional, uma das particularidades desse uso é a pluralidade de sotaques e carga cultural que cada falante traz consigo, tendo em vista que pertencem a contextos diferentes. Contudo, a variação na/da língua inglesa, como *lingua franca*, é aceitável desde que não interfira na inteligibilidade entre falantes, pois se a língua inglesa não for inteligível, automaticamente ela perde seu caráter *franco*.

Neste sentido, muito tem sido discutido sobre a manutenção e a perda da inteligibilidade no uso da língua inglesa para a comunicação internacional, já que questões referentes à ininteligibilidade podem acarretar em desconforto e mal-entendidos na comunicação. Desde 2000, vários pesquisadores (e.g., JENKINS, 2000) têm estudado a inteligibilidade na produção oral da língua inglesa, como será discutido em nossa revisão de literatura. Uma das características fonético-fonológica da língua inglesa que, desde Jenkins (2000) tem sido considerada importantes para a manutenção da inteligibilidade é o *Voice Onset Time* (VOT) caracterizado como o intervalo de tempo entre a explosão de uma consoante oclusiva e o início da pulsão glotal (anterior ou posterior à explosão) (LISKER; ABRAMSON, 1964). Em outras palavras, a duração das oclusivas é um aspecto relevante para a comunicação em língua inglesa no âmbito internacional.

Este estudo tem como objeto de pesquisa a produção das oclusivas, pois o VOT, além de ser a principal diferença entre as consoantes oclusivas do português e do inglês, para Alves e Kampff (2019), é a principal pista fonético-fonológica para o estabelecimento perceptual da oposição funcional entre oclusivas surdas e sonoras em início de palavra. Oclusivas produzidas com um VOT longo (positivo), o que corresponde à aspiração de tais segmentos, são identificadas como instâncias de segmentos surdos pelos falantes nativos da língua (SCHWARTZHAUPT; ALVES; FONTES, 2015). Dessa forma, por exemplo, a não ocorrência de aspiração na pronúncia das consoantes oclusivas surdas do português brasileiro (/p, t, k/), influencia diretamente na pronúncia de um falante de inglês-L2¹. Por sua vez, para Alves e Kampff (2019), oclusivas que apresentam um padrão de VOT zero (ou seja, sem pré-vozeamento e com um intervalo de VOT sem aspiração, bastante curto), ou um padrão de VOT negativo (com vibração de pregas vocais antes mesmo da soltura), são identificadas pelos falantes de inglês como instâncias de segmentos sonoros. Posto de

¹ Neste trabalho, não diferenciamos os termos L2 e LE, já que, em uma perspectiva psicolinguística, os processos cognitivos empregados para o desenvolvimento de L2 e LE são os mesmos.

outra forma, em inglês, é a realização ou não de aspiração (duração do VOT) que leva à identificação do segmento como surdo (/p/, /t/, /k/) ou sonoro(/b/, /d/, /g/), respectivamente. Desta forma, a não realização dessa aspiração pode dificultar a inteligibilidade em uma conversa entre falantes de diferentes culturas.

À luz do exposto, esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a realização da aspiração das consoantes oclusivas surdas do inglês /p, t, k/ por falantes nativos do português brasileiro (PB), soteropolitanos, estudantes do curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia. Teve-se em tela, que a inteligibilidade é um fator decisivo para o uso do inglês como *Lingua Franca* (ILF), que tem como principal objetivo unir comunicacionalmente pessoas que não compartilham a mesma língua materna. Desta forma, justifica-se a importância desta pesquisa por se tratar da investigação de um fenômeno que, além de ainda pouco pesquisado no Brasil, na interface fonética e fonologia e instrução explícita.

Tínhamos, como hipótese, que os estudantes da disciplina de Fonética e Fonologia da Língua Inglesa do curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia não aspirariam as oclusivas surdas do inglês sem instrução explícita e que desenvolveriam VOT mais longos para o inglês-L2 após uma sessão de instrução. Assim, após a instrução, o grupo experimental revelaria as maiores médias de aspiração. Para testar essa hipótese, 16 participantes, divididos em dois grupos, um experimental, que recebeu instrução explícita sobre a produção do VOT no inglês, e outro de controle, foram analisados. Os dados foram coletados laboratorialmente, à luz da fonética experimental, e analisados acusticamente por meio do *Software Praat* (BOERSMA; WEENINK, 2019). Em relação à sessão de instrução, que será mais detalhada em seções posteriores, o *framework* utilizado como base pedagógica é o proposto por Celce-Murcia et al. (1996) e Celce-Murcia et al. (2010), que concebe o “ensino comunicativo de pronúncia”, como compreendendo cinco passos: (i) descrição e análise; (ii) prática de discriminação; (iii) prática controlada e *feedback*; (iv) prática guiada e *feedback*; e (v) prática comunicativa e *feedback*.

Para efeito de organização, este trabalho de conclusão de curso está dividido em três seções. Na primeira, discutiremos sobre o inglês como *lingua franca* e as questões de inteligibilidade, as consoantes oclusivas da língua e o ensino de pronúncia, com foco na instrução explícita. Na segunda, será abordada a metodologia empregada neste trabalho, bem como a descrição dos participantes e os materiais e procedimentos utilizados no decorrer dessa pesquisa. Na terceira, discorreremos sobre a descrição e análise dos dados obtidos na fase das coletas de pré e pós-teste. Por fim, apresentaremos nossas considerações finais.

1. REVISÃO DE LITERATURA

1.1 Inglês como *Lingua Franca*

Diferentes países são capazes de se conectar socioculturalmente, compartilhando características e formando relações (econômicas e políticas). A globalização é, de certa forma, o ápice do processo de internacionalização do mundo capitalista (SANTOS, 2001). Na medida em que os países foram criando laços comerciais, iniciaram, também, a aproximação de diferentes povos, e, com isso, surgiu a troca de informações entre culturas distintas, possibilitando, entre essas, uma conexão, fazendo emergir a ideia de interligação entre pessoas de diferentes lugares do planeta.

Assim, nesse cenário e com o avanço dos meios de comunicação e da internet, tornou-se fundamental o aprendizado de uma língua que fosse capaz de conectar as pessoas ao redor do mundo. Sendo assim, o inglês, atualmente, é a língua mais utilizada por falantes não nativos, para uma comunicação efetiva e orgânica entre pessoas que não compartilham da mesma língua materna/cultura. A língua inglesa tornou-se um caso global. Seus usos se expandiram para cobrir praticamente qualquer possibilidade comunicativa, desde a linguagem das relações internacionais até a linguagem da ciência; da linguagem dos negócios internacionais à linguagem do turismo e da cultura popular (MAJANEN, 2008). Portanto, a necessidade de comunicar-se e fortalecer relações, justifica a utilização de uma língua específica para fins de interação não somente linguísticos, mas de troca de conhecimento, como apontam Hülmbauer, Böhringer, Seidlhofer (2008, p. 25):

No mundo globalizado de hoje, a interconectividade não afetou apenas numerosos aspectos de nossas vidas diárias no sentido físico de transcender fronteiras. Acima de tudo, confrontou as nossas sociedades baseadas na informação com a necessidade de encontrar uma voz comum para romper as barreiras linguísticas - não apenas pela simples troca de informação, mas também pela criação mútua de conhecimento.

Nos últimos anos, surgiu o termo "*English as a lingua franca*" (ELF) como uma forma de referir-se à comunicação em inglês entre falantes com diferentes línguas maternas (SEIDLHOFER, 2005). A expansão do inglês por questões político-sociais tem suas características históricas de dominação e poder, mas, a influência que a língua representa, hoje em dia, ao redor do mundo, é consideravelmente significativa para um processo de interação social, relações econômicas, relações comerciais e, assim, a própria manutenção do capitalismo que é o sistema econômico dominante atualmente. Um dos motivos o qual a

língua inglesa foi expandida em todo o mundo é a participação dos falantes não nativos, de forma a aceitarem e introduzirem a linguagem em suas línguas maternas, e terem noção de que atualmente o inglês é uma língua internacionalmente utilizada.

Juntamente com a variedade de usos em diferentes campos, os falantes não nativos também trouxeram uma variedade de *Englishes*, no sentido linguístico (MAJANEN, 2008). Devido a língua inglesa ser utilizada internacionalmente, uma das características desse uso é a diversidade, a variabilidade e a variação, tendo em vista que a comunicação efetiva se dá na linguagem falada e uma de suas propriedades é o sotaque, que varia de acordo com cada sistema e cultura materna. Cada grupo social tem um comportamento que lhe é peculiar e isso vai se manifestar também na maneira de falar de seus representantes (MARTELOTTA, 2011), isto é, a variação na linguagem ocorre em todos os grupos linguísticos, mesmo sendo de uma sociedade que compartilhem a mesma língua materna, sendo o Brasil um exemplo dessa diversidade. De acordo com aqueles que apreciam a diversidade linguística, a variação de sotaque é aceitável desde que a inteligibilidade e o fluxo de conversas sejam assegurados (MAJANEN, 2008), ou seja, o acento característico de uma determinada região, presente na pronúncia do falante. Nesse sentido, em relação ao uso do inglês como *Lingua Franca*, a variação é não apenas aceitável como é fomentada, mas desde que não deve interferir no processo de comunicação, isto é, na inteligibilidade dos agentes comunicacionais que não compartilham da mesma L1.

A influência da língua materna e utilização do inglês como *Lingua Franca* é inegável, mesmo que seja reconhecida por alguns e desmerecida por outros falantes considerados nativos. No entanto, o que até agora tendeu a ser negado é que, como consequência de seu uso internacional, o inglês está sendo moldado pelo menos tanto por seus falantes não nativos quanto por seus falantes nativos (SEIDLHOFER, 2005), tendo em vista que a quantidade de falantes do inglês como segunda língua, língua estrangeira ou língua de herança e adicional é superior aos falantes de língua materna.

O ponto em questão é que pelo fato das variações linguísticas ocorrerem e alguns sons do inglês, por exemplo, serem característicos dos nativos, os falantes não nativos tendem a suprir esse déficit, relacionado à produção ou à percepção dos sons da fala, com a troca por um fonema, como estratégia de reparo, presente no quadro fonético-fonológico de sua língua materna, e com isso a língua inglesa se modifica aos poucos em cada grupo linguístico que a adota. Isso significa que os interlocutores precisam ter habilidades de acomodação de alto nível, bem como sensibilidade cultural, já que muitos dos sotaques do inglês - nativos ou não nativos - que encontrarão não lhes serão familiares (MAJANEN, 2008). O que está

acontecendo é justamente uma contradição do que deveria ocorrer, como pontua Seidlhofer (2005, p. 339):

Por um lado, para a maioria de seus usuários, o inglês é uma língua estrangeira, e a grande maioria das trocas verbais em inglês não envolve nenhum idioma nativo da língua. Por outro lado, ainda há uma tendência de falantes nativos serem considerados como guardiões sobre o que é uso aceitável.

Face ao exposto, ILF, como considerado neste trabalho, além de ser uma meio de comunicação entre falantes de diferentes origens, deve ser definida funcionalmente por seu uso na comunicação intercultural ao invés de sistematicamente, tendo como referência o grupo de falantes nativos.

1.1.1. Inteligibilidade e Lingua Franca Core

A proporção de falantes que adotaram o ILF ultrapassa a quantidade de nativos. Dessa forma, cada novo usuário trará junto com sua fala características de sua língua materna, e a principal delas é o sotaque, isto é, a transferência fonético-fonológica (KUPSKE, 2016) da L1 para a L2. Vivendo em mundo que as relações internacionais estão cada vez mais necessárias, “sugere-se que os sotaques não nativos de inglês recebam um status legítimo, desde que a inteligibilidade mútua seja preservada” (ESPINOSA, 2017, p. 11), afinal, ser compreendido em um diálogo é o principal objetivo de falantes que não possuem a mesma língua materna.

A discussão sobre a inteligibilidade do sotaque surgiu frequentemente em relação a opiniões de sotaques agradáveis e desagradáveis (MAJANEN, 2008). Essa designação surgiu juntamente com o estereótipo da existência de um "inglês padrão", representado pelos sotaques do inglês britânico e americano, que seriam considerados "agradáveis", já os demais “ingleses”, advindos de outros contextos linguísticos, são os que seriam considerados desagradáveis. Tradicionalmente, os debates sobre a inteligibilidade centraram-se em quanto as variedades do inglês deve ser autorizado a se afastar de um padrão rígido de falantes nativos (PICKERING, 2006), como uma forma de manter o inglês padrão vívido no contexto dos não nativos, sem levar em consideração que o uso da língua tomou proporções que vai além do uso da língua materna, e essas variações também devem ser reconhecidas, desde que não influenciem na comunicação e na inteligibilidade.

Jenkins, linguista e acadêmica britânica, em seu livro publicado no ano 2000, *The Phonology of English as an International Language*, propôs o modelo *Lingua Franca Core*

(LFC), sugere um conjunto de características de pronúncia considerado necessário para a manutenção da inteligibilidade na comunicação internacional (ESPINOSA, 2017). Dessa forma, o cronograma de ensino do ILF, no que concerne a aspectos fonéticos-fonológicos, estaria voltado a focar em características, considerados por ela, dentro do “núcleo”, características as quais seriam fundamentais na "pronúncia inteligível", e com isso, uma comunicação inteligível. As consideradas fora do “núcleo” foram as variações que ocorrem na pronúncia das palavras, mas que não interfere na inteligibilidade.

De acordo com esse ponto de vista, a meta para os alunos ILF não é atingir uma pronúncia nativa; em vez disso, eles devem procurar alcançar um repertório improvável de causar mal-entendidos ou falhas na comunicação (ESPINOSA, 2017). A imagem abaixo refere-se a tabela proposta por Jenkins (2000), que seria o cronograma de ensino para ILF.

Fonte: (ZOGHBOR, 2011)

#	A	B	C	D
	Aspects of pronunciation	EFL targets	Influence on intelligibility	ELF targets
1	The consonantal inventory	All sounds	√ but not all	All sounds except /θ/ and /ð/
		RP non-rhotic /r/ GA rhotic /r/	√ but not all	Rhotic /r/ only
		RP intervocalic [t] GA intervocalic [t]	√ but not all	Intervocalic [t] only
2	Phonetic requirements	Rarely specified	√ but not all	Aspiration after /p/, /t/, and /k/. Appropriate vowel length before fortis/lenis consonants.
3	Consonant cluster	All word positions	√ but not all	Word initially, word medially
4	Vowel quantity	Long-short contrast	√	Long-short contrast
5	Vowel quality	Close to RP or GA	X	L2 (consistent) regional qualities.
6	Weak forms	Essential	X	Unhelpful to intelligibility
7	Features of connected speech	All	X	Inconsequential or unhelpful
8	Stress-timed rhythm	Important	X	Does not exist
9	Word stress	Critical	X	Unnecessary / can reduce flexibility
10	Nuclear (tonic) stress	Important	√	Critical

Figura 1: Modelo de Ensino do ILF

Contudo, o LFC foi insatisfatoriamente apresentado como uma construção irreconhecível e inaplicável do inglês em salas de aula (ZOGHBOR, 2011), pois apresenta um conjunto de características fonético-fonológicas básicas que já são esperadas de um falante não nativo para uma comunicação inteligível. Por essa razão, após sofrer várias críticas, Jenkins (2007, p. 25) posicionou-se, dizendo que uma frequente falta de interpretação do LFC é que ele é um modelo para imitação, um modelo, de certa forma, hegemônico. Na verdade, foi proposto um núcleo contendo propriedades específicas de pronúncia, consideradas, por ela, como centrais para um diálogo bem-sucedido entre falantes não nativos do inglês, e que o modelo de fato é o professor local que une tanto as peculiaridades presentes dentro do

“núcleo”, quanto os fatores nativos que foram considerados fora do “núcleo”. Nesse sentido, concordamos com Newton (2015), que professores de língua inglesa são responsáveis por gerenciar não apenas as culturas apresentadas pelos países falantes nativos do inglês, mas, também, em mostrar apreciação pela forma como inglês é utilizado ao redor do globo. Ainda para o autor, o professor mais apropriado para o ensino de ILF é aquele treinado, mas proficiente nas línguas e culturas locais, sendo capaz, assim, de propor um ensino intercultural e "interfonológico".

A falta de livros didáticos de ILF pode ser um grande obstáculo à implementação do programa do *Lingua Franca Core* (ZOGHBOR, 2011), pois o método de ensino que usa como base o acento padrão (britânico e americano) é o único material disponível nas escolas/cursos de aprendizado de inglês como língua internacional, sendo que as variações são esquecidas e, muitas vezes, nem mencionadas. Zoghbor (2011, p. 287) disse, ainda, que:

Jenkins (2000), Brown (1992) e Walker (2001) sugeriram que o mesmo livro baseado em NS pode ser usado com modificações em seus exercícios de pronúncia de acordo com sua relevância para o LFC. Esses recursos que são classificados como fora do núcleo são tratados em nível receptivo apenas no sentido de que eles são introduzidos para os alunos através de exercícios de escuta. No entanto, os alunos não são incentivados a produzi-los. Em contraste, os aprendizes serão incentivados a produzir as principais características, e o trabalho sobre elas será reforçado e envolverá erros correção.

Com pequenos ajustes, o *Lingua Franca Core* de Jenkins é um valioso instrumento para medir a inteligibilidade do falante a partir de uma perspectiva internacional (ESPINOSA, 2017), além de sua validade, como instrumento de previsão de sucesso em oralidade, já ter sido comprovada por diversos estudos na área de fonética e fonologia (e.g., BECKER, 2014, SILVEIRA; SCHADECH, 2014). Portanto, a ideia que deve ser levada em consideração é que, a partir do modelo proposto por ela, longe de se pensar em propostas verticais de ensino de pronúncia, foi possível começar a pensar em mensurar o grau de inteligibilidade de um falante de ILF, levando em consideração suas questões culturais, seus acentos e suas variações linguísticas, descentralizando a ideia de sotaque agradável ou não em relação a comparação com o sotaque do falante nativo de ILF. Nesta pesquisa, como já destacados, focamos na aspiração das oclusivas surdas do inglês, que, segundo Jenkins (2000, 2007) e Alves e Kampff (2019) são importantes para a inteligibilidade do ILF, sobretudo para a diferenciação entre os pares surdo e sonoro.

1.2. As consoantes oclusivas do português brasileiro e do inglês

Chama-se de aparelho fonador, o conjunto de órgãos responsáveis pela produção dos sons que geram a fala dos seres humanos. Para a produção desses sons, que são chamados de fonemas, o ar sai dos pulmões, pela via dos brônquios, passa pela traqueia até chegar à laringe, que é onde encontra o primeiro obstáculo, a glote. A glote é uma abertura localizada próximo ao “gógó”, entre duas pregas musculares, chamada de cordas vocais. Se a glote estiver aberta, o ar passa pelas cordas vocais emitindo sons que são chamados de vozeados ou sonoros, e quando a mesma estiver fechada, os sons produzidos são chamados de não vozeados ou surdos. O fonema é a menor unidade sonora do sistema fonológico de uma língua. Pode-se estabelecer a diferença entre duas palavras apenas trocando um fonema, a exemplo de “Cama” e “Fama”, no primeiro, utilizamos o fone inicial /k/, mas, ao mudarmos o segundo para /f/, obtemos outra palavra com o sentido totalmente diferente.

O segmento consonantal é um som que é produzido com algum tipo de obstrução nas cavidades supraglotais de maneira que haja obstrução total ou parcial da passagem da corrente de ar podendo ou não haver fricção (CRISTÓFARO-SILVA, 2003). O sistema consonantal do português brasileiro *default* possui 19 sons que são classificados de acordo com seu grau de vozeamento, oralidade e nasalidade, lugar ou ponto de articulação (bilabial, labiodental, dental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal), e modo de articulação (oclusivas/plosivas, nasal, fricativa, africada, tepe, vibrante, retroflexa e lateral).

O ponto de articulação é o local onde o ar, ao passar pelo trato vocal, encontra uma obstrução. Os articuladores, por sua vez, são os responsáveis pela criação dessa “barreira” encontrada pelo ar no momento da sua passagem pela cavidade oral/nasal, e podem ser classificados como ativos (lábio inferior, língua, véu palatino e cordas vocais) e passivos (lábio superior, dentes superiores e o céu da boca). No modo de articulação oclusivo, os articuladores produzem uma obstrução completa da passagem da corrente de ar através da boca. O véu palatino está levantado e o ar que vem dos pulmões encaminha-se para a cavidade oral (CRISTÓFARO-SILVA, 2003). Desta forma, os sons oclusivos são considerados consoantes orais. No português brasileiro (PB) esses sons são: /p/ e /b/ (bilabiais, respectivamente surda e sonora); /t/ e /d/ (dental ou alveolar, respectivamente surda e sonora); /k/ e /g/ (velar, respectivamente surda e sonora).

Os sons oclusivos do PB também ocorrem na variedade padrão do inglês, eles são: vozeados /b, d, g/ e desvozeados /p, t, k/. Em termos articulatórios, as consoantes oclusivas vozeadas ocorrem em ambos os quadros fonéticos, mas, segundo Cristófar-Silva (2003), em

inglês os sons [b, d, g] são produzidos com a vibração das cordas vocais em um grau menor do que aquele observado para o PB. Ou seja, existiriam diferentes graus de vozeamento para cada uma das línguas, “completamente vozeados em português e parcialmente vozeados em inglês” (CRISTÓFARO-SILVA, 2003, p. 27).

Em termos acústicos, o VOT é a principal diferença entre as consoantes oclusivas do português e do inglês. Pode ser definido por Lisker e Abramson (1964) como sendo o intervalo relativo ao atraso da vibração das pregas vocais entre a liberação da parada e o início do som da vogal seguinte. Desta forma, levando em consideração o fenômeno da aspiração, Cho e Ladefoged (apud ALVES; SEARA, 2008, p. 03) estabeleceram categorias de VOT como sendo: plosivas não aspiradas (VOT=>0-40 ms), levemente aspiradas (40-60 ms), aspiradas (60-100 ms) e fortemente aspiradas (100-160 ms). Lisker e Abramson (apud KUPSKE, 2017, p. 84) apontam valores típicos do VOT das oclusivas surdas, em milissegundos, para o inglês. Enquanto Kupske (2016) aponta os valores típicos do VOT para os mesmos fonemas, só que do português brasileiro, como pode-se analisar na tabela 1.

Oclusiva	Português Brasileiro	Inglês
/p/	15 ms	58 ms
/t/	18 ms	70 ms
/k/	39 ms	80 ms

Tabela 1: Tempo do VOT, em milissegundos, no PB e no Inglês.

Portanto, segundo Kupske (2017), no Português Brasileiro as paradas surdas são produzidas com um Zero VOT, sem aspiração, enquanto em inglês são produzidas com Positivo, e também são aspiradas: [p^h], [t^h] e [k^h]. Em outras palavras, as duas línguas pertencem a grupos de VOT distintos devido a suas diferenças de padrões de vocalização.

A ininteligibilidade decorrente das oclusivas pode causar um desconforto e/ou um mal-entendido na comunicação. O fato de não haver aspiração nas oclusivas surdas do PB (/p, t, k/), influenciará diretamente na pronúncia de um falante de inglês como língua estrangeira, já que nessa língua, a ocorrência desses fonemas, em início de palavra, se dá de forma aspirada. Desta forma, no diálogo com um nativo de ou um não nativo que possui aspiração (alemães, por exemplo), a omissão dessa aspiração pode dificultar a inteligibilidade, uma vez que a palavra *pig* [p^hig], se pronunciada como [pig], sem aspiração, pode ser confundida com a palavra *big* [big]. Desta forma, o VOT está diretamente ligado a questões de inteligibilidade entre os falantes do ILF e os nativos e não nativos que utilizam a aspiração para diferenciar

oclusivas surdas das sonoras. O VOT é um detalhe fonético dos sons oclusivos que, aparentemente, parece ser de pouca importância, mas quando analisado/estudado com mais afinco, entende-se como sendo uma premissa para um diálogo inteligível no contexto internacional. É válido ressaltar que, neste trabalho, não descartamos as pistas de inteligibilidade presentes pelo contexto de enunciação, tampouco afirmamos que a não aspiração acarretará, compulsoriamente, em inteligibilidade. Contudo, isolamos os aspectos fonético-fonológicos, recorte desta pesquisa, isto é, estamos nos baseando na inteligibilidade oriunda das percepções fonético-fonológicas do inglês-L2, e não de todo o contexto comunicacional. Desde já, fica a sugestão para pesquisas mais holísticas que façam um contraponto entre sons da fala e contexto.

1.3. Ensino comunicativo de pronúncia: foco na instrução explícita

O ensino de uma *Língua Estrangeira* (LE) não é uma tarefa fácil, tendo em vista que tudo é diferente para o aprendiz. O estudante sai sua da zona de conforto, que é dominar a oralidade de sua língua materna, para aprender todo um sistema de uma nova língua, e por mais que possuam similaridades, trata-se de um sistema linguístico completamente novo. Desta forma, o professor tem que utilizar uma abordagem em sala capaz de fazer com que o aluno organicamente desenvolva a LE, não apenas o decorar momentaneamente o assunto ou suas regras..

Segundo Kupske e Alves (2017), no que concerne à fala, a transferência fonético-fonológica faz referência à utilização de padrões já estabelecidos, ou engramados (já adquiridos), da L1 nas produções da LE. Ou seja, no ensino de uma LE, no que diz respeito a aspectos fonético-fonológicos, o professor deve apresentar, em sala de aula, as similaridades e diferenças dos sons existentes em ambas as línguas. Ao contrário do que se pensa, e esse é o caso da aspiração, juntamente com sons muito distintos da L1, os sons da L2 que são bastante próximos da L1 também se tornam um desafio. No caso das oclusivas do PB e do inglês em início de palavra, a única distinção é a duração do VOT.

Neste sentido, a aplicação de instrução explícita sobre aspiração, neste trabalho, teve como modelo teórico um *framework* para o ensino comunicativo de pronúncia, proposto por Celce-Murcia et al. (1996, 2010) e discutido por Kupske e Alves (2017). Esse *framework*, segundo Kupske e Alves (2017), é uma aplicação hipotética do que seriam condições ideais de aprendizagem, isto é, tomando os estudantes como ativamente autônomos e participativos

no processo, e consiste em cinco passos: (i) descrição e análise, onde o tema é apresentado; (ii) prática de discriminação, momento em que são aplicadas atividades de diferenciação perceptual; (iii) prática controlada e *feedback*, que consiste na repetição de termos propostos pelo professor, ainda de forma mecânica; (iv) prática guiada e *feedback*, onde os alunos utilizam as palavras do passo anterior de forma autônoma, sem interferência do professor; e (v) prática comunicativa e *feedback*, quando o aluno é capaz de desenvolver o tema trabalhado em um contexto sociocomunicativo.

Kupske e Alves (2017, p. 2278) sinalizam que,

embora o modelo preveja cinco passos, estes não estão calcados em uma lógica cartesiana, na qual um passo é, de forma estanque, aplicado após o outro em um único sentido. São, por outro lado, baseados em uma perspectiva de gradualidade, isto é, de que a evolução linguística vem à tona por meio da acumulação de pequenas modificações em função do tempo. Além de preverem uma evolução em períodos de tempos discretos, os passos não engessam os comportamentos linguísticos dos aprendizes, podendo vir a dar espaço a comportamentos aleatórios e individuais, justificando a presença dos *feedbacks*.

Assim, dependendo dos itens-alvos abordados e da própria configuração da sala de aula, pode não ser necessário aplicar todos os cinco passos, bem como pode a sequência ser modificada.

Em adição, ainda para os autores, a progressão dos cinco passos propostos garantiria que o uso dos aspectos do inglês-L2 explicitáveis seguiria um curso que parte de um ambiente de uso mais controlado da língua e vai progredindo, ao longo dos passos, a contextos de uso mais orgânicos, em que tais aspectos se mostrem cada vez mais agregados a um ambiente comunicativo maior, com um caráter menos controlado no que diz respeito à previsibilidade dos contextos em que tais aspectos figuram (KUPSKE; ALVES, 2017).

1.3.1 Instrução Explícita sobre Aspiração das oclusivas surdas para o Grupo Experimental

Os participantes do grupo experimental fizeram parte desta pesquisa com o objetivo de desenvolver a aspiração em inglês-L2. Para isso, após a coleta de dados do pré-teste, esses participantes estiveram presentes em uma aula, seguindo-se o *framework* discutido acima, sobre aspiração e VOT, a fim de, inicialmente, terem ciência de como ocorre a emissão do

som das oclusivas surdas do inglês, objetivo central da instrução, e, posteriormente, comecem a produzi-las, que seria comprovado na fase das coletas do pós-teste.

Antecipando parte pertinente à nossa metodologia, a instrução explícita sobre aspiração e VOT ocorreu, para o grupo experimental, que ainda será apresentado, em uma única aula, com duração de 100 minutos, baseando-se no plano de ensino resumido abaixo:

<i>Framework</i>	Plano de Ensino
Descrição e análise	Apresentar como ocorre a produção das oclusivas surdas do inglês, conceituar o VOT, e a necessidade de aspiração na pronúncia dessas consoantes.
Prática de discriminação	Diferenciar, em termos acústicos, as oclusivas do português brasileiro e do inglês, e os problemas de inteligibilidade. Treinamento fonético.
Prática controlada e <i>feedback</i>	Expor exemplos, contando com a repetição do aluno, como uma forma de percepção e produção da aspiração no inglês-L2.
Prática guiada e <i>feedback</i>	Os alunos receberão como atividade um diálogo, no qual as oclusivas estavam em negrito. Na medida em que os alunos escutarem o diálogo, deveriam grifar as que são aspiradas e, posteriormente, produzi-las.
Prática comunicativa e <i>feedback</i>	Formar duplas ou trios para que os alunos possam produzir diálogos, que contenham os fonemas estudados, exercitar juntamente com o seu grupo e, posteriormente, compartilhar com a turma. Os demais grupos deverão identificar as palavras que foram aspiradas pela equipe que estiver apresentando o diálogo.

Tabela 2: Plano de ensino na instrução de pronúncia

A instrução explícita, novamente, ocorreu baseando-se em Celce-Murcia et al. (1996, 2010). A aplicação da aula de instrução, que teve duração de 100 minutos, contemplou os cinco aspectos do *framework* para o ensino de pronúncia proposto pelos autores e analisado por Kupske e Alves (2017), e ocorreu da seguinte forma:

Como forma de preparação para a aula, os participantes do grupo experimental escutaram ao áudio da palavra “Pai”, do português brasileiro, produzida por um brasileiro, e da palavra “Pie”, do inglês, produzida por um falante americano, e foram questionados se havia alguma diferença na produção dessas palavras ou se eram similares. Alguns responderam que a produção das palavras eram iguais, revelando uma percepção para o inglês-L2 ainda enviesada pelo PB. Por outro lado, outros aprendizes responderam que eram diferentes, pois uma apresentava aspiração. Após esse primeiro contato, seguindo o passo 1 do *framework*, os sons oclusivos do inglês foram descritos (e.g., ponto e modo de articulação). O VOT foi conceituado, e os princípios e contextos da aspiração foram analisados.

No passo 2, foi apresentada a diferença, em termos acústicos, das oclusivas do PB (VOT curto) e do inglês (aspiração, VOT longo), e os possíveis desvios de inteligibilidade oriundos da transferência do padrão de VOT do PB para o inglês foram explicitados. Os estudantes praticaram a discriminação da aspiração. No passo 3, foi utilizada uma abordagem controlada de produção e percepção da aspiração no inglês-L2, na qual os participantes deveriam repetir palavras aspiradas, bem como perceber a aspiração na fala da pesquisadora e dos pares.

No passo 4, os participantes do grupo experimental receberam um diálogo impresso e tiveram que acompanhar um áudio. No momento em que escutavam a conversa, tiveram que grifar, no material impresso, quais palavras foram aspiradas (o áudio foi tocado duas vezes). Por fim, no passo 5, eles formaram duplas, e cada dupla recebeu uma imagem de situações do cotidiano, e dispunham de dez minutos para criar um diálogo, comentando sobre a foto, ou, expor seus pontos de vista acerca do ocorrido. No momento em que a dupla apresentava para os outros participantes o que haviam criado, as demais duplas tinham a missão de perceber e anotar quais palavras foram pronunciadas aspiradas corretamente e as quais deveriam ter sido aspiradas e não foram. Depois do *feedback* dos demais grupos e da pesquisadora, a dupla tinha que repetir o diálogo se autocorrigindo. Além disso, esse foi um momento de conversação orgânica na qual os participantes puderam praticar, sem controle, itens aspirados imersos em contextos comunicativos reais.

2. METODOLOGIA²

Utilizando o tipo quantitativo, buscando obter dados mensuráveis a respeito do meu objeto de pesquisa, o método estatístico me permitirá, ao final da pesquisa, fazer generalizações acerca dos valores de VOT obtidos com a coleta de dados dos grupos. De acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 186),

Os processos estatísticos permitem obter, de conjuntos complexos, representações simples e constatar se essas verificações simplificadas têm relações entre si. Assim, o método estatístico significa redução de fenômenos sociológicos, políticos, econômicos etc. a termos quantitativos e a manipulação estatística, que permite comprovar as relações dos fenômenos entre si, e obter generalizações sobre sua natureza, ocorrência ou significado.

2.1 Participantes

Com o objetivo de investigar a realização das oclusivas surdas do inglês, baseando-nos no Questionário Básico (Anexo 2), foram selecionados 18 participantes (sendo oito do sexo feminino e dez do sexo masculino), voluntários, maiores de idade, estudantes da graduação em Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia com língua inglesa, nascidos e criados em Salvador/Ba, e que residem com soteropolitanos. Esses participantes foram divididos em dois grupos: experimental e controle.

A divisão dos grupos se deu a partir da aplicação da prova de proficiência em língua inglesa (*Oxford Placement Test*. ALLAN, 2004) e do resultado da análise das coletas de pré-teste. Em questão de proficiência, a maioria dos alunos ficaram no mesmo nível, intermediário, e, a partir disso, só nos restou dividir os grupos com base nos resultados de VOT obtidos na coleta. Como será demonstrado no item 3.1, a maioria dos participantes revelaram médias iguais de VOT, ou seja, não aspiraram o inglês-L2. Assim, a divisão dos grupos foi feita de maneira aleatória e, como será visto na análise de dados, posteriormente testada estatisticamente, para garantir que, no estado inicial, antes da instrução, os dois grupos não apresentassem diferenças estatísticas em relação à produção das oclusivas do inglês. Nesse processo, dois participantes foram excluídos da pesquisa (um por ter desistido de cursar

² Este trabalho é parte de uma pesquisa maior, do professor orientador, eticamente apreciada e aprovada. Certificado de Apresentação para Apreciação Ética: 52113615.0.0000.0116. Comprovante: 129884/2015

a disciplina de fonética e fonologia e o outro por não termos conseguido obter os dados de VOT da coleta, pois, fatores externos interferiram no áudio e conseqüentemente na análise). Desta forma, essa pesquisa prosseguiu apenas com 16 (dezesesseis) participantes: 08 (oito) alunos formaram o grupo experimental e 08 (oito) alunos formaram o grupo controle.

2.2 Materiais e Procedimentos

2.2.1 Palavras-Alvo

Segundo Kupske (2016, p. 99), a literatura conforme os trabalhos de Cohen (2004), Schwartzhaupt (2013) e Prestes (2013), apontam que, além do número de sílabas e da taxa de elocução, a altura da vogal seguinte pode militar no valor de produção das oclusivas. Desta forma, baseando-se em Kupske (2016) utilizaremos as seguintes palavras:

Segmento	Vogal Seguinte	Inglês
/p/	Alta Posterior	<i>Poodle</i> <i>Poof</i> <i>Pool</i>
	Baixa Posterior	<i>Pop</i> <i>Posh</i> <i>Pot</i>
/t/	Alta Posterior	<i>Tool</i> <i>Toot</i> <i>Tooth</i>
	Baixa Posterior	<i>Tod</i> <i>Top</i> <i>Toss</i>
/k/	Alta Posterior	<i>Cool</i> <i>Coop</i> <i>Coot</i>
	Baixa Posterior	<i>Cob</i> <i>Cod</i> <i>Cop</i>
Itens Distratores		<i>Lap</i> <i>Not</i> <i>Lick</i> <i>Short</i> <i>Rat</i> <i>Thin</i>

Tabela 3: Palavras-alvo utilizadas na fase de teste

2.2.2 Coleta de Pré-Teste

A coleta de dados foi conduzida em língua inglesa, com instrumentos e instruções orais nessa língua, e ocorreu tanto para o grupo experimental quanto para o grupo de controle, após os participantes preencherem o Questionário Básico e o Termo de Consentimento (anexo 1).

Nessa fase, os informantes tiveram os dados da produção gravados, individualmente, em sala silenciosa, à noite, no Instituto de Letras da UFBA, onde precisaram fazer a leitura da seguinte frase: “I would say (palavra-alvo)”. Cada voluntário gravou o bloco de palavras duas vezes (poderia haver uma pausa de no máximo um minuto de um bloco para o outro), sendo que a cada vez houve um reordenamento das palavras-alvo. Os participantes poderiam repetir algum item quando julgassem necessário, ou quando fosse solicitado pelo monitor.

2.2.3 Coleta de Pós-Teste

Após a fase de coleta de pré-teste, somente o grupo experimental teve a instrução explícita de pronúncia da aspiração, como já discutida com base no método de Ensino Comunicativo de Pronúncia (item 1.3). Após a instrução, houve a coleta de dados da produção da aspiração de ambos os grupos novamente, seguindo o mesmo passo a passo listado no item 2.2.2, só que com ordenamentos distintos das palavras-alvo, a fim de comparar os valores de VOT de ambos os grupos, obtidos antes e depois do grupo experimental ter recebido a instrução.

2.2.4 Teste postergado (4 meses depois)

Nessa fase serão coletados os dados de ambos os grupos novamente, entre dois e seis meses depois da coleta de pós-teste, ou seja, após o grupo experimental ter recebido instrução. Com base no passo a passo listado no item 2.2.2, só que com ordenamentos distintos das palavras-alvo, a fim de comparar os valores de VOT obtidos logo após a instrução e no decorrer de um determinado tempo, para analisar se realmente o grupo experimental aprendeu a aspirar em inglês. Devido a alguns contratemplos durante o semestre, intenso cancelamento de aulas, por exemplo, não houve tempo hábil para a coleta do teste postergado, sendo assim, a discussão desses dados não farão parte deste trabalho. Contudo, haverá essa etapa de coleta mesmo depois da defesa desta monografia em 2020.

2.3 Análise do VOT

A análise acústica dos dados foi feita por meio do software Praat (BOERSMA; WEENINK, 2019), versão para Mac 6.0.07. Existem vários critérios que podem ser adotados para a medição do VOT, contudo, novamente, seguimos Kupske (2016), por tratar-se de uma pesquisa próxima à nossa e que contempla a análise de valores relativizados de VOT.

Nessa perspectiva, a medição da duração da frase-veículo é feita em milissegundos entre o primeiro e o último pulso da produção da frase-veículo. Para a extração do valor absoluto do VOT para as oclusivas surdas, foco deste trabalho, foi coletada a duração em milissegundos entre o *burst* e o primeiro pulso regular da vogal seguinte. É válido ressaltar que, na presença de bursts múltiplos, a medição foi feita a partir do último burst da sequência, como na Figura 2 abaixo.

(Fonte: KUPSKE, 2016)

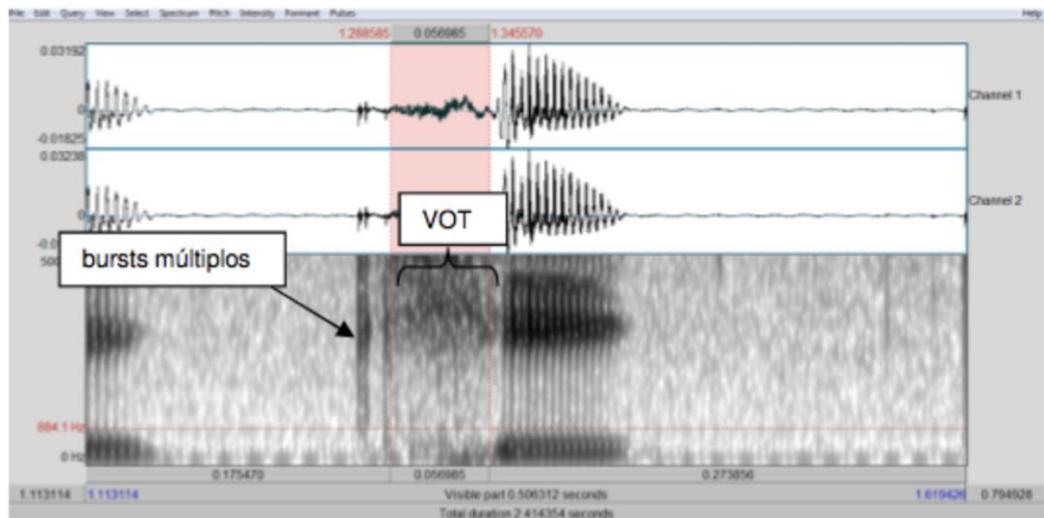


Figura 2 - Oscilograma e espectrograma da palavra keek do inglês

2.4 Análise estatística

Para nossa análise estatística, contamos com um total de 768 alvos, sendo 384 para cada grupo. Os dados foram tratados estatisticamente com o auxílio de o programa IBM SPSS28 18.0 (*International Business Machine Statistical Package for Social Studies*, Chicago, IL) para Mac. O valor de p considerado é menor ou igual a 0,05.

3. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Nesta seção, iremos apresentar a descrição e análise dos dados das coletas obtidas nas fases de pré-teste (antes do grupo experimental ter recebido a instrução) e pós-teste (depois do grupo experimental ter recebido a instrução).

3.1. Análise dos dados de pré-teste

De maneira geral, todo o grupo de participantes ($N = 16$), dos grupos controle ($N = 8$) e experimental ($N = 8$), obteve as médias de duração de 29 ms ($DP = 9$ ms; $Min = 14$ ms; $Max = 43$ ms), 44 ms ($DP = 12$ ms; $Min = 15$ ms; $Max = 59$ ms) e 48 ms ($DP = 13$ ms; $Min = 29$ ms; $Max = 77$ ms) para a produção do VOT das oclusivas bilabial, alveolar e velar do inglês-L2, respectivamente. Em termos descritivos, para [p] do inglês-L2, podemos perceber que os valores apresentados pelos participantes estão mais próximos dos 12 ms esperados para o PB (ISTRE, 1980) do que dos 55 ms (TORIBIO et al., 2005) esperados para o inglês. Para a oclusiva [t], percebemos uma média de duração intermediária entre os valores esperados para o PB e para a língua inglesa, 18 ms e 70 ms (KUPSKE, 2016), respectivamente. No caso de [k], novamente, podemos perceber uma média de duração de VOT quase intermediária entre os valores esperados para o PB e a língua inglesa, 38 ms e 80 ms (KUPSKE, 2016), respectivamente. Dessa forma, em linhas gerais, os participantes desta pesquisa, antes da sessão de instrução para a produção das oclusivas do inglês, não produzem esses segmentos com os valores de VOT esperados e descritos na literatura.

Ao fazermos uma análise individual para cada grupo, separando os participantes do controle e do experimental, obtivemos os seguintes dados para a produção das oclusivas, presente na Tabela 4.

Oclusiva	Grupo Controle	Grupo Experimental
[p]	22 ms (DP = 10 ms)	21 ms (DP = 8 ms)
[t]	33 ms (DP = 16 ms)	33 ms (DP = 14 ms)
[k]	47 ms (DP = 12 ms)	53 ms (DP = 13 ms)

Tabela 4 - Médias de VOT para o inglês L2 (Pré-teste)

Descritivamente e perceptualmente, podemos perceber que os valores do grupo controle e do grupo experimental, na pré-testagem, são muito próximos, contexto ideal para este tipo

de trabalho, que busca medir estatisticamente a produção da fala de um grupo após a instrução em comparação com falantes similares que não tenham recebido a mesma rotina pedagógica. Por meio da Tabela 4, notamos que maior diferença de médias encontra-se na produção da oclusiva velar, uma diferença de 6 ms. Nos demais casos, a diferença entre participantes-controle e experimentais é de 1 ms. Em adição, como é de se esperar para a produção dos sons da fala por aprendizes de uma L2, os desvios-padrão são elevados, muitas vezes maiores do que a metade dos valores das médias obtidas pelo grupo, indicando, assim, uma grande variabilidade na produção das oclusivas do inglês-L2 por falantes soteropolitanos, em ambos os grupos.

Ainda sobre os dados do pré-teste, os Gráficos 1, 2 e 3, apresentam os *boxplots* para a produção das oclusivas do inglês-L2 em função dos grupos testados, sendo a tendência central de cada grupo (50% da produção dos dados) representada pela caixa posicionada entre os valores mínimos e máximos atingidos pelos participantes de cada grupo.

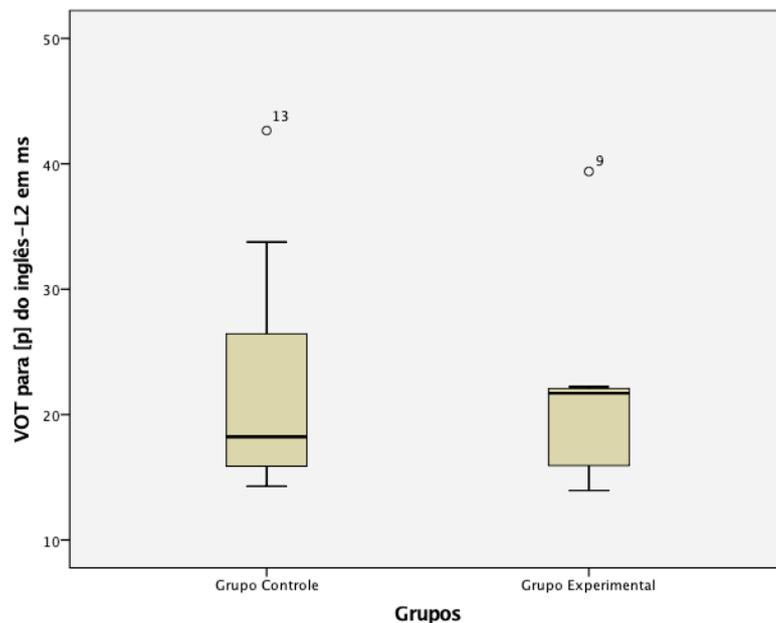


Figura 3: Gráfico 1 - VOT para [p]

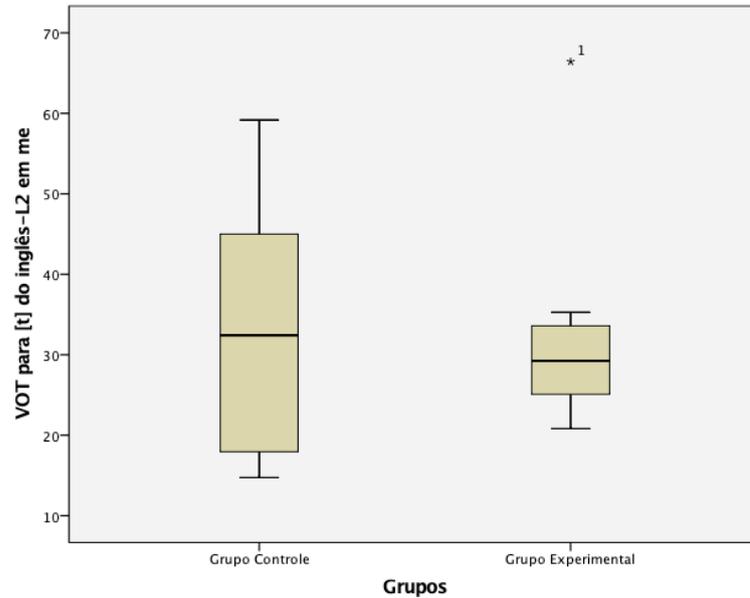


Figura 4: Gráfico 2 - VOT para [t]

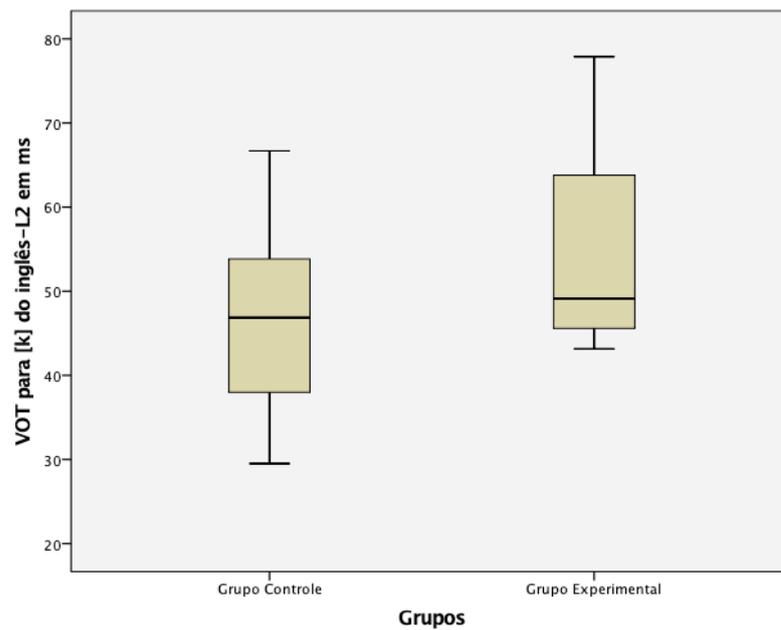


Figura 5: Gráfico 3 - VOT para [k]

Perceptualmente, podemos identificar que há uma diferença na distribuição dos dados e na tendência central nas produções em função do grupos analisados. No caso da oclusiva bilabial do inglês-L2, percebemos que o grupo controle apresenta uma maior variabilidade na produção dos dados quando comparado ao grupo experimental. Para a oclusiva alveolar, a situação é a mesma, mas ainda mais, visualmente, evidente. Para [k], os participantes do grupo experimental apresentam os maiores valores. Desta forma, as médias presentes na

Tabela 4 indicavam uma proximidade na produção dos sons, enquanto os gráficos sinalizavam uma diferença, não em médias, mas na distribuição dos dados.

Para que pudéssemos, efetivamente, confirmar se não havia diferença de produção entre os grupos controle e experimental no período do pré-teste, verificada a normalidade dos dados com a aplicação de Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov³, o Teste de T para Amostras Independentes foi aplicado. O teste revelou que não há diferenças estatísticas significativas entre a produção do grupo controle e produção grupo experimental para nenhuma das oclusivas do inglês testadas ($p > 0,05$). Para /p/, $t(14) = 0,143$, $p > 0,05$. Para /t/, $t(14) = 0,024$, $p > 0,05$. Para /k/, $t(14) = -1,249$, $p > 0,05$. Dessa forma, grupo controle e o grupo experimental, antes da instrução acerca da produção das oclusivas no inglês, possuíam uma produção para as oclusivas do inglês estatisticamente similar.

3.2. Análise dos dados de pós-teste

Nesta seção, iremos descrever e analisar os dados da segunda coleta dos grupos aqui testados, mas, no caso do Grupo Experimental, após a instrução sobre a produção das oclusivas no inglês.

De maneira geral, na coleta de pós-teste todo o grupo de participantes ($N = 16$), dos grupos controle ($N = 8$) e experimental ($N = 8$), obteve as médias de duração de 56 ms (DP = 43 ms; Min = 14 ms; Max = 147 ms), 71 ms (DP = 45 ms; Min = 17 ms; Max = 153 ms) e 91 ms (DP = 42 ms; Min = 43 ms; Max = 167 ms) para a produção do VOT das oclusivas bilabial, alveolar e velar do inglês-L2, respectivamente. Em termos descritivos, do grupo como um todo, podemos perceber que os valores apresentados pelos participantes estão mais próximos dos 55 ms, 70 ms e 80 ms, esperados para [p], [t] e [k] do inglês, respectivamente (TORIBIO et al., 2005).

A Tabela 5 compara os dados gerais da produção das oclusivas do inglês-L2 por todos os participantes da primeira (pré-teste) e da segunda coleta (pós-teste).

³ Para a análise da distribuição das variáveis intervalares, para que se verifique os princípios que subjazem à utilização de testes paramétricos, observamos os resultados exploratórios dos testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilks, observando-se a normalidade da distribuição dos dados e a homogeneidade das variâncias por meio do Teste de Levene.

Oclusiva	Geral - Pré-teste	Geral - Pós-teste
[p]	29 ms (DP = 9 ms)	56 ms (DP = 43 ms)
[t]	44 ms (DP = 12 ms)	71 ms (DP = 45 ms)
[k]	48 ms (DP = 13 ms)	91 ms (DP = 42 ms)

Tabela 5 - Médias de VOT para o inglês-L2 (Pré-teste e Pós-teste)

Podemos perceber, como um todo, o aumento dos valores de VOT no grupos. Contudo, percebemos, também, pelos valores altos de desvio padrão, que, para [p], é bem superior à média, de que há uma alta variabilidade nos dados, isto é, que existem produções muito baixas e muito elevadas de VOT do inglês. Contudo, quando separados os dados em função dos grupos analisados, grupo controle (sem instrução sobre a produção do VOT) e o grupo experimental (grupo que recebeu instrução), percebemos um cenários diferenciado. A Tabela 6, traduz esses dados.

Oclusiva	Grupo Controle	Grupo Experimental
[p]	20 ms (DP = 5 ms)	93 ms (DP = 32 ms)
[t]	33 ms (DP = 9 ms)	108 ms (DP = 33 ms)
[k]	54 ms (DP = 5 ms)	127 ms (DP = 28ms)

Tabela 6 - Médias de VOT para o inglês L2 (Pós-teste)

Percebe-se que tanto os valores das médias como os desvios-padrão para o grupo que recebeu instrução são mais elevados, quando parados ao grupo controle. Nas seções abaixo, apresentaremos as análises individuais para cada grupo, isto é, separando os participantes do controle e do experimental.

3.2.1 Análise dos dados de pós-teste: grupo controle

Na coleta de pós-teste, o grupo controle (N = 8), obteve as médias de duração de 20 ms (DP = 5 ms; Min = 14 ms; Max = 32 ms), 33 ms (DP = 10 ms; Min = 17 ms; Max = 44 ms) e 54 ms (DP = 5 ms; Min = 44 ms; Max = 58 ms) para a produção do VOT das oclusivas bilabial, alveolar e velar do inglês-L2, respectivamente. A Tabela 7 compara os valores para o grupo controle paras o pré e pós-teste.

Oclusiva	Grupo Controle Pré-teste	Grupo Controle Pós-teste
[p]	22 ms (DP = 10 ms)	20 ms (DP = 5 ms)
[t]	33 ms (DP = 16 ms)	33 ms (DP = 9 ms)
[k]	47 ms (DP = 12 ms)	54 ms (DP = 5 ms)

Tabela 7 - Médias de VOT para o inglês L2 do Grupo Controle (Pré e Pós-teste)

Perceptualmente, podemos reparar que os valores são próximos, o esperado já que esse grupo não recebeu instrução explícita sobre a pronúncia das oclusivas. Dessa forma, os valores para as plosivas do inglês-L2 desses participantes ainda estão sendo produzidas com um padrão de VOT mais próximo ao do esperado para o português brasileiro. O Gráfico 4, apresenta os *bloxpots* para as produções do grupo controle na primeira e na segunda coleta de dados.

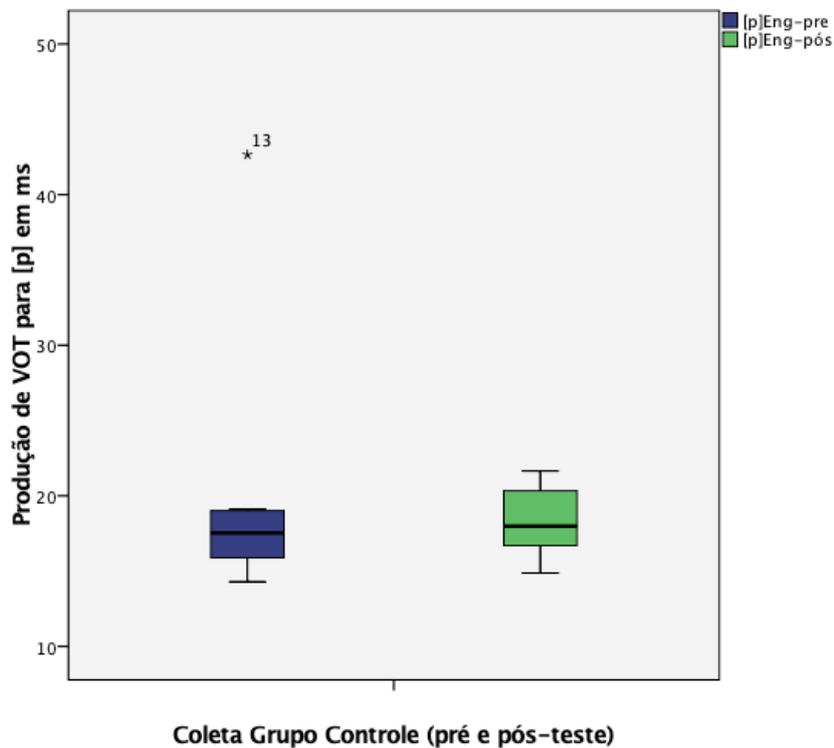


Figura 6: Gráfico 4 - VOT para [p] do grupo controle (pré- e pós-teste)

Como o gráfico acima revela, a produção dos valores de VOT para o grupo controle nos dois momentos de coleta é muito próxima. Como percebemos no Gráfico 5 abaixo, para [t], embora as médias de produção sejam as mesmas (33ms no pré o no pós-teste), na primeira coleta houve uma maior dispersão dos dados, representada, também, pelo maior desvio padrão. Contudo, a produção do grupo controle para o pós-teste está dentro da faixa do pré-

teste, indicando, assim, que não houve aumento de valores de VOT para a alveolar do inglês. O mesmo fenômeno vemos no Gráfico 6 para a velar.

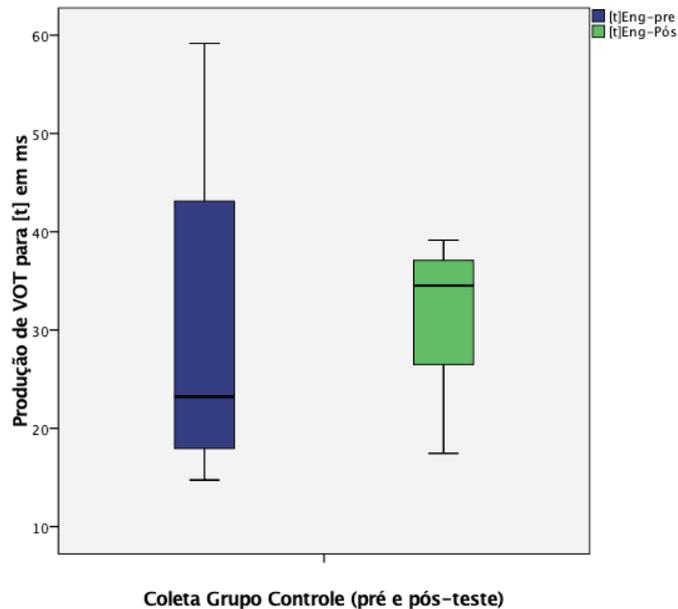


Figura 7: Gráfico 5 - VOT para [t] do grupo controle (pré- e pós-teste)

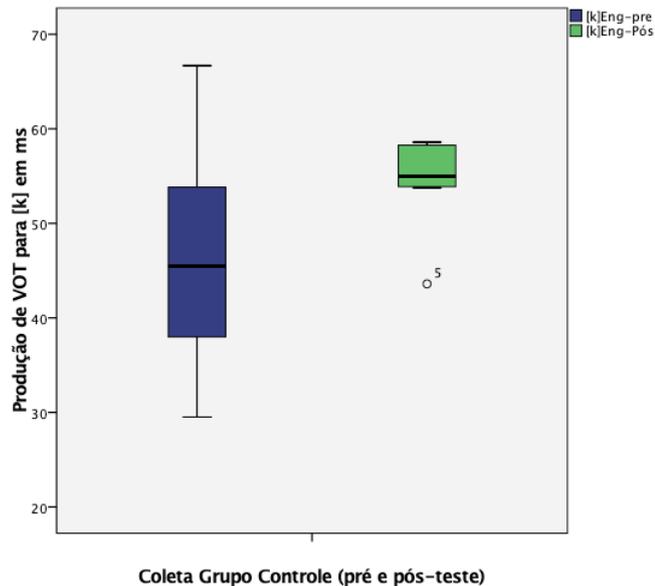


Figura 8: Gráfico 6 - VOT para [k] do grupo controle (pré- e pós-teste)

Como podemos inferir descritivamente dos dados e gráficos acima, em linhas gerais, os participantes do grupo controle, que não receberam instrução sobre a produção das oclusivas do inglês, em termos descritivos, não produzem esses segmentos com aspiração em nenhum dos momentos de coleta.

3.2.2 Análise dos dados de pós-teste: grupo experimental

Na coleta de pós-teste, o grupo experimental (N = 8), obteve as médias de duração de 93 ms (DP = 32 ms; Min = 61 ms; Max = 146 ms), 108 ms (DP = 33 ms; Min = 47 ms; Max = 153 ms) e 127 ms (DP = 28 ms; Min = 82 ms; Max = 167 ms) para a produção do VOT das oclusivas bilabial, alveolar e velar do inglês-L2, respectivamente. A Tabela 8 compara os valores para o grupo experimental para o pré e pós-teste.

Oclusiva	Grupo Experimental Pré-teste	Grupo Experimental Pós-teste
[p]	21 ms (DP = 8 ms)	93 ms (DP = 32 ms)
[t]	33 ms (DP = 14 ms)	108 ms (DP = 33 ms)
[k]	53 ms (DP = 13 ms)	127 ms (DP = 28ms)

Tabela 8 - Médias de VOT para o inglês L2 (Pós-teste)

Em termos descritivos, para [p] do inglês-L2, podemos perceber que a média de duração de VOT apresentada pelos participantes do grupo que recebeu instrução explícita sobre a aspiração é bastante superior (72 ms acima) à média de 21 ms produzida na pré-testagem. Contudo, a média na pós-testagem é 38 ms superior aos 55 ms esperados para falantes do inglês (TORIBIO et al., 2005). O Gráfico 7 apresenta os dados dos dois momentos de coleta, sendo a tendência central de cada grupo (50% da produção dos dados) representada pelas caixas posicionadas entre os valores mínimos e máximos atingidos pelos participantes no pré e no pós-teste.

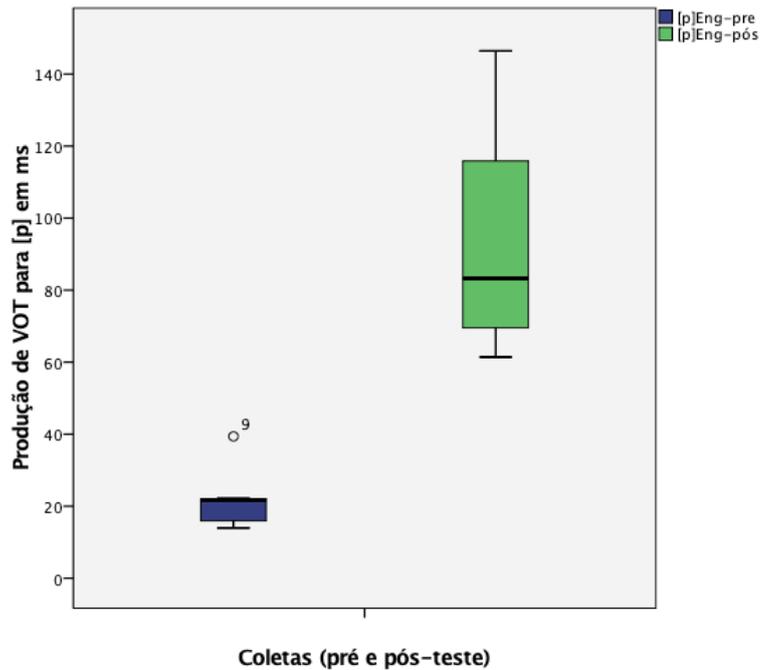


Figura 9: Gráfico 7 - VOT para [p]

Para a oclusiva surda alveolar do inglês-L2, a média de duração de VOT do grupo experimental é 75 ms maior quando comparada aos dados da coleta pré-teste. Novamente, os 108 ms apresentados no pós-teste são mais elevados que os 70 ms esperados para o inglês (KUPSKE, 2016). O Gráfico 8 apresenta os dados dos dois momentos de coleta.

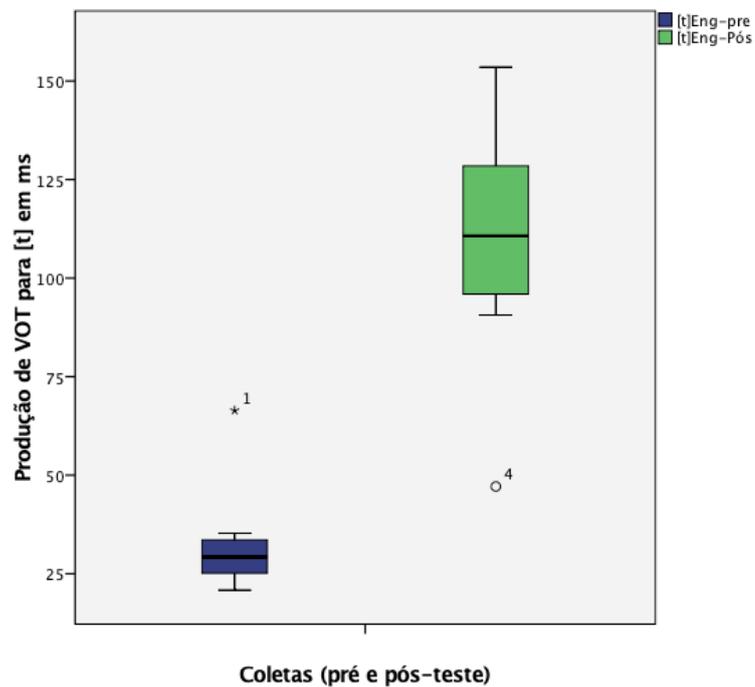


Figura 10: Gráfico 8 - VOT para [t]

Para [k], novamente, podemos perceber uma média mais elevada na coleta de pós-teste do grupo experimental. Na segunda testagem, o grupo apresenta uma média de VOT 74 ms mais longa. Como nos casos anteriores, o novo valor apresentado pelo grupo experimental é 47 ms superior aos 80 ms esperados para o inglês (KUPSKE, 2016). O Gráfico 9 apresenta os dados dos dois momentos de coleta.

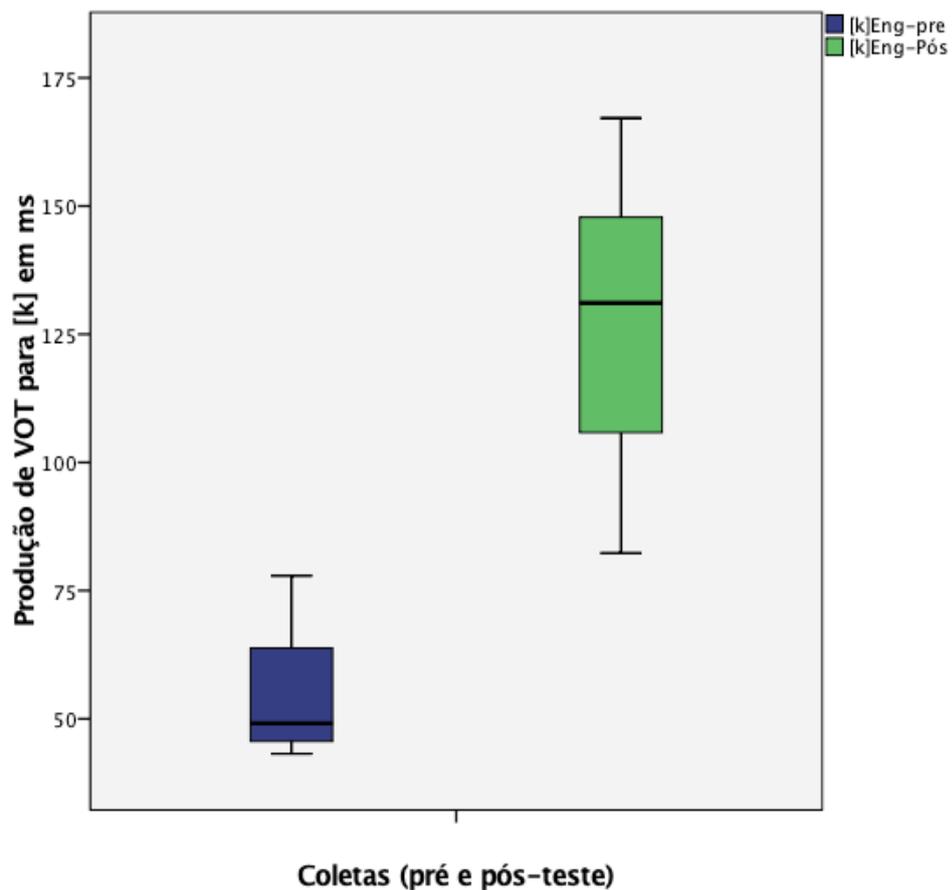


Figura 11: Gráfico 9 - VOT para [k]

Como podemos inferir descritivamente dos dados acima, em linhas gerais, os participantes do grupo experimental, em termos descritivos, após a sessão de instrução para a produção das oclusivas do inglês, produzem esses segmentos com aspiração. Aparentemente, os participantes desse grupo notam e usam a aspiração, mas ainda não conseguem controlá-la gestualmente, adequando/reduzindo os valores da duração. Isso pode ser percebido, hipoteticamente, pelo fato de, para todas as plosivas surdas do inglês, a nova coleta apresentar uma média de 70 ms a mais de duração em comparação à coleta de pré-teste.

Muito embora a grande diferença entre as médias apresentadas no pré e no pós-teste já sinalizem claramente uma diferença significativa entre os dois momentos de coleta, para que pudéssemos, efetivamente, confirmar a existência de diferença estatística de produção entre pré e pós-teste, verificada a normalidade dos dados com a aplicação de Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov⁴, o Teste de T para Amostras Pareadas foi aplicado.

O teste T revelou que há diferenças estatísticas significativas entre a produção no primeiro e no segundo período de coleta para todas as plosivas do inglês-L2 testadas ($p > 0,05$). Para /p/, $t(7) = -71,547$, $p < 0,001$. Para /t/, $t(7) = -75,952$, $p < 0,001$. Para /k/, $t(7) = -72,607$, $p < 0,001$. Dessa forma, as médias de VOT para as plosivas surdas do grupo experimental após a instrução acerca da produção das plosivas no inglês são mais longas e estatisticamente distintas quando comparadas ao pré-teste, sem instrução fonética.

Para finalizar esta etapa, precisamos comparar a produção de pós-teste do grupo experimental com a do grupo controle, o que faremos na seção seguinte.

3.2.3 Análise dos dados de pós-teste: grupo experimental comparado ao grupo controle

Como podemos perceber, nosso grupo controle não produz aspiração na coleta de pré-teste e nem coleta de pós-teste. Por outro lado, o grupo experimental, que não apresentava aspiração na pré-testagem, apresentou aspiração na segunda coleta, mesmo que de forma ainda não finamente controlada, já que a mecânica gestual da aspiração é adquirida gradualmente. Por mais óbvia que seja esta última testagem estatística, precisamos comprar a produção na pós-testagem pelos dois grupos.

Para que pudéssemos, efetivamente, confirmar se não há diferença de produção entre os grupos controle e experimental no período de pós-testagem, verificada a normalidade dos dados com a aplicação de Shapiro-Wilk e Kolmogorov-Smirnov⁵, o Teste de T para Amostras Independentes foi aplicado.

⁴ Para a análise da distribuição das variáveis intervalares, para que se verifique os princípios que subjazem à utilização de testes paramétricos, observamos os resultados exploratórios dos testes de normalidade Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilks, observando-se a normalidade da distribuição dos dados e a homogeneidade das variâncias por meio do Teste de Levene.

⁵ Para a análise da distribuição das variáveis intervalares, para que se verifique os princípios que subjazem à utilização de testes paramétricos, observamos os resultados exploratórios dos testes de normalidade

O teste revelou que há diferenças estatísticas significativas entre a produção do grupo controle e produção grupo experimental para todas oclusivas do inglês-L2 testadas ($p > 0,05$). Para /p/, $t(14) = -6,516$, $p > 0,001$. Para /t/, $t(14) = -6,366$, $p > 0,05=01$. Para /k/, $t(14) = -7,239$, $p > 0,001$, sendo que o grupo experimental sempre revelou maiores médias de produção/duração de VOT. Dessa forma, o grupo controle e o grupo experimental, que antes da instrução acerca da produção das oclusivas no inglês, possuíam uma produção para as oclusivas do inglês estatisticamente similar, agora, apresentam diferenças. O Gráfico 10, abaixo, traduz o discutido.

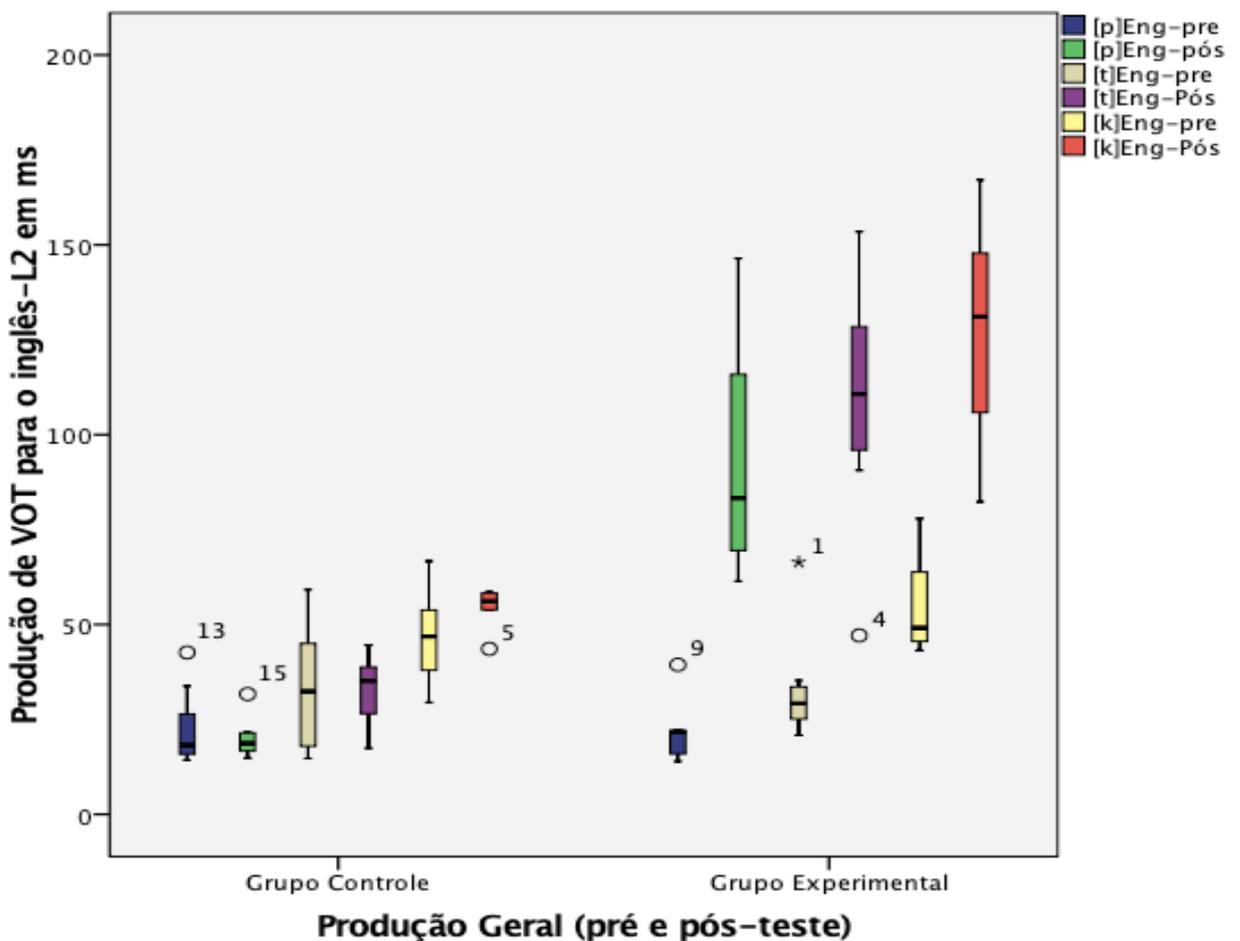


Figura 12: Gráfico 10 - VOT para o inglês-L2 (pré e pós-teste)

Kolmogorov-Smirnov e Shapiro-Wilks, observando-se a normalidade da distribuição dos dados e a homogeneidade das variâncias por meio do Teste de Levene.

3.3. Discussão dos dados

Com base na descrição e análise dos dados apresentados anteriormente, pudemos observar que as coletas na fase de pré-teste apresentaram valores similares de VOT para ambos os grupos, experimental e controle. Ambos sem aspiração. Em termos gerais, através dos gráficos, pudemos perceber que as médias de aspiração das oclusivas surdas do inglês, para ambos os grupos, estão distantes do esperado para falantes do inglês, língua que utiliza o VOT como critério acústico distintivo, conforme o apresentado pela literatura. Essa não diferenciação de produção proporcionou um formato ideal para a linha de pesquisa adotada neste trabalho, que partiu da divisão de dois grupos equiparados no que diz respeito à similaridade fonético-fonológica para a produção das oclusivas do inglês-L2.

Na fase das coletas de pós-teste, após os alunos do grupo experimental receberem a instrução explícita, é possível notar um aumento considerável dos valores de VOT por parte desses participantes, que tiveram aula sobre aspiração das oclusivas surdas do inglês. Em termos gerais, eles usam a aspiração, mas não conseguem adequar aos valores apresentados pela literatura para o inglês. Em outras palavras, eles não ainda não são capazes de controlar a aspiração de tal forma que se assemelhe a produção de um falante de inglês, muito embora já o apliquem nos contextos ideais. Enquanto os demais participantes do grupo controle, como esperado, continuaram revelando valores de VOT para o inglês similares ao da primeira testagem, já que esse grupo não recebeu instrução explícita sobre a pronúncia das oclusivas. Sendo assim, os valores de aspiração para as oclusivas do inglês desses participantes ainda continuam sendo produzidas com um padrão de VOT mais próximo ao do esperado para o português brasileiro. Desta forma, este estudo revela que a instrução explícita foi capaz de introduzir a aspiração no grupo experimental, mesmo que ainda de forma não controlada.

Os resultados e gráficos obtidos basearam-se na análise das médias do grupo, experimental e controle. Em uma análise individual do grupo experimental, durante e após a sessão de instrução explícita, notou-se que a maioria dos participantes tiveram mais facilidade com a produção da oclusiva velar /k/ que, segundo os dados, tem maiores valores de VOT. Já na oclusiva alveolar /t/, os alunos não aspiraram nas palavras que possuíam a fricativa interdental surda do inglês /θ/ na mesma sílaba, como pro exemplo, a palavra “tooth”. Isso, talvez, possa ser justificado pelo fato de aprendizes apresentarem dificuldade na produção deste fonema não existente no PB, e, assim, centravam-se mais na produção da fricativa do que na aspiração da oclusiva alveolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É incontestável que a ocorrência de fatores referentes à ininteligibilidade ocasionam incômodo e, até mesmo, um entendimento errôneo do que está sendo dito em um processo comunicativo. A aspiração na pronúncia das consoantes oclusivas surdas do inglês é uma condição que afeta diretamente esse processo, pois um falante de ILF espera que esses fonemas sejam aspirados, e se não forem, eles entendem que o que está sendo dito na verdade são as oclusivas sonoras, que não são aspiradas.

Após a apresentação dos resultados é possível comprovar a hipótese de que os falantes soteropolitanos do inglês como L2, inicialmente, não aspiram essas consoantes, tendo em vista que as oclusivas surdas do português brasileiro não são aspiradas. Como também ficou comprovado que os alunos que receberam a instrução explícita sobre VOT, o grupo experimental, começaram a aspirar. Entretanto, os resultados obtidos não validam a hipótese de que os alunos passariam a aspirar as consoantes surdas da Língua Inglesa, tendo em vista que os dados medidos na fase de coletas do pós-teste apresentam valores de VOT bem acima do que a literatura apresenta como sendo os valores praticados por falantes nativos do inglês. Desta forma, após os resultados dessa pesquisa surge a ideia de que após a aula, que o grupo experimental teve, os alunos passaram a aspirar, mas que ainda não aspiram em inglês.

Portanto, mesmo que os participantes aspirem de um modo exagerado e/ou forçado, é inegável que a instrução explícita sobre o VOT, e a sua relação com a inteligibilidade, faz com que eles comecem a pensar sobre esse quesito no momento da pronúncia, e mesmo que ainda não consigam controlar a emissão e/ou não tenham o domínio da aspiração correta das consoantes surdas do inglês, a nível de um falante de ILF, considera-se que essa pesquisa atingiu o seu objetivo com sucesso, tendo em vista que somente com o conhecimento pedagógico que tiveram, os alunos passaram a perceber e reproduzir esse detalhe fonético que é fundamental para a comunicação, principalmente por serem graduandos em Letras e futuros professores/pesquisadores da Língua Inglesa.

Neste trabalho isolamos os aspectos fonético-fonológicos, recorte desta pesquisa, isto é, estamos nos baseando na inteligibilidade oriunda das percepções fonético-fonológicas do inglês-L2, e não de todo o contexto comunicacional. Desde já, fica a sugestão para pesquisas mais holísticas que façam um contraponto entre sons da fala e contexto.

Para fins de verificação, os alunos realizarão, em 2020, o teste postergado, para que haja a comprovação se realmente eles aprenderam a aspirar ou não.

REFERÊNCIAS

ALVES, Mariane A.; SEARA, Izabel. **Produção de plosivas surdas em inglês e português por falantes brasileiros de inglês como língua estrangeira.** Universidade Federal de Santa Catarina. Anais do CELSUL 2008

BECKER, Márcia Regina; KLUGE, Denise Cristina. **Frequência de Uso de Ítem e Inteligibilidade do Inglês como Língua Franca.** Disponível em <<https://www.ufrgs.br/ppgletras/2016selecao/ATT00232.pdf>> Acessado: Abril/2019

ALVES, Ubiratã Kickhöfel; KAMPPF, Felipe. Efeitos de longo prazo do treinamento perceptual na percepção e produção das plosivas iniciais surdas do inglês por estudantes brasileiros: implicações para o ensino de pronúncia. **ILHA DO DESTERRO** (UFSC), v. 72, p. 375-400, 2019.

BECKER, Marcia. Globalização, inglês como língua franca e inteligibilidade. In BRAWERMAN-ALBINI, A.; GOMES, M. (Orgs.). **O jeitinho brasileiro de falar inglês.** Campinas: Pontes, 2014.

CRYSTAL, D. **English as a Global Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios.** 7. ed. São Paulo : Contexto, 2003.

ESPINOSA, Juan Antonio Cutillas. “A Relaxing Cup of Lingua Franca Core”: **Local Attitudes Towards Locally-Accented English.** Atlantis, Journal of the Spanish Association of Anglo-American Studies, p. 11-32, jun/ 2017.

KUPSKE, Felipe. **A complex approach on integrated late bilinguals' English VOT production: a study on South Brazilian immigrants in London.** Ilha do Desterro, v. 70, n° 3, p. 81-93, Florianópolis, set/dez 2017.

KUPSKE, Felipe. **Imigração, Atrito e Complexidade: A Produção das Oclusivas Surdas Iniciais do Inglês e do Português por Sul-Brasileiros Residentes em Londres.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Tese de Doutorado. Porto Alegre, Jan/ 2016.

KUPSKE, Felipe; ALVES, Ubiratã. **Orquestrando o Caos: O Ensino de Pronúncia de Língua Estrangeira à Luz do Paradigma da Complexidade.** Fórum Linguístico. Revista de Linguística, v. 14, n° 04, p. 2771-2784, Florianópolis, out/dez 2017.

HÜLMBAUER, Cornelia; BÖHRINGER, Heike; SEIDLHOFER, Barbara. **Introducing English as a lingua franca (ELF): Precursor and partner in intercultural communication.** Synergies Europe n° 3 - 2008 p. 25-36

MAJANEN, Silke. **English as a Lingua Franca: Teachers' Discourses on Accent and Identity.** University of Helsinki. Dissertação de Mestrado, 2008.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: elaboração e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MARTELOTTA, Mario Eduardo. **Manual de Linguística**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PICKERING, Lucy. **Current Research on Intelligibility in English as a Lingua Franca**. Cambridge University Press, Annual Review of Applied Linguistics, Vol. 26, 2006, p. 219-233.

RAJAGOPALAN, K. O lugar do inglês no mundo globalizado. In: SILVA, K. (org.). **Ensinar e aprender línguas na contemporaneidade: linhas e entrelinha**. Campinas: Pontes, 2010.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003, p.174.

SEIDLHOFER, Barbara. **key concepts in elt English as a lingua franca**. ELT Journal, Oxford University Press, vol. 59, 2005, p. 339-341.

SILVEIRA, Rosane; SCHADECH, T. Inteligibilidade e o ensino de pronúncia: interface entre pesquisa e pedagogia. In BRAWERMAN-ALBINI, A.; GOMES, M. (Orgs.). **O jeitinho brasileiro de falar inglês**. Campinas: Pontes, 2014.

ZOGHBOR, Wafa. **Teaching the Pronunciation of English as a Lingua Franca: Reducing Skepticism and Increasing Practicality**. International Journal of Humanities and Social Science. Vol. 1 No. 8; July 2011

ANEXO 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA INSTITUTO DE LETRAS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine no final deste documento, que está em duas vias. Uma dela é sua e outra é do pesquisador.

Título da pesquisa: A Aspiração das Oclusivas Surdas do Inglês-L2 por Aprendizes Soteropolitanos: Efeitos da Instrução Explícita

Pesquisador responsável: **Michele Santos de Oliveira**

Telefone para contato: **(71) 99119-3691**

O Objetivo desta pesquisa é investigar os efeitos da instrução explícita na realização da aspiração das consoantes oclusivas surdas do inglês /p, t, k/ por falantes nativos do Português Brasileiro, soteropolitanos, estudantes do curso de Língua Estrangeira Moderna da Universidade Federal da Bahia.

A sua participação na pesquisa consiste em além do preenchimento de um *Questionário Sociolinguístico*, realiza uma tarefa de produção palavras do inglês e do português iniciadas por oclusivas surdas inseridas em uma frases-veículo. O material a ser lido será apresentado, individualmente, em um computador do tipo *laptop*, cabendo a você lê-las em voz alta. A gravação será conduzida em estúdio profissional ou laboratórios específicos, de forma individual, apenas na presença do proponente da pesquisa e eventuais técnicos do estúdio/ laboratório. A sua voz será gravada e armazenada em arquivos do tipo *.wav* em um banco de dados sob a guarda do pesquisador, para posterior análise por parte do proponente da pesquisa. No total, serão gravadas 44 frases e, para minimizar qualquer sintoma de ansiedade ou cansaço de sua parte, haverá 1 pausa para descanso a cada 22 frases produzidas. Entretanto, caso ainda se sinta cansado, você poderá solicitar pausas adicionais a qualquer momento durante a coleta. O tempo de gravação previsto é menor do que 10 minutos. Essa coleta será realizada pelo próprio pesquisador, sem qualquer prejuízo ou constrangimento para o pesquisado.

Os procedimentos aplicados por esta pesquisa não oferecem risco a sua integridade moral, física, mental ou efeitos colaterais. As informações obtidas através da coleta de dados serão utilizadas para alcançar o objetivo acima proposto, e para a composição do relatório de pesquisa, resguardando

sempre sua identidade. Caso não queira mais fazer parte da pesquisa, favor entrar em contato pelos telefones acima citados.

Este termo de consentimento livre e esclarecido é feito em duas vias, sendo que uma delas ficará em poder do pesquisador e outra com o sujeito participante da pesquisa. Você poderá retirar o seu consentimento a qualquer momento.

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DE
PESQUISA**

Eu, _____, RG _____

CPF _____, abaixo assinado, concordo em participar do estudo como sujeito. Fui devidamente informado e esclarecido pelo pesquisador sobre a pesquisa e, os procedimentos nela envolvidos, bem como os benefícios decorrentes da minha participação. Foi me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento.

Local: _____ Data ____/____/_____.

Assinatura do sujeito de pesquisa:

Rubrica do pesquisador responsável no rodapé da página

ANEXO 2

QUESTIONÁRIO BÁSICO

Nome: _____

Data: _____

Com este questionário, gostaríamos de conhecer um pouco mais sobre você e o contexto sociofamiliar em que você está inserido (a).

Data de Nascimento: ____/____/____ (____ anos de idade)

Você é: () Homem () Mulher

Nacionalidade: _____

Naturalidade: Cidade _____ Estado _____

Qual é seu curso? () Letras/Inglês () Outros: _____
Qual seu nível de proficiência em inglês na UFBA? () Básico () Intermediário () AvançadoVocê mora em Salvador? () Sim Há quanto tempo? _____
() Não Onde mora? _____Conte-nos um pouco sobre sua unidade familiar

Com quem você mora?

Nome: _____ Grau de Parentesco: _____ Naturalidade: _____

Responder somente quem mora em Salvador/Ba

Sobre as pessoas que você mora, se alguns deles não forem soteropolitanos, quantos anos a pessoa tem? Há quanto tempo mora em Salvador?

